

Admirável Mundo Novo: Uma Perspectiva Histórica entre a Obra e a Sociedade Pós-Moderna

Ada Caperuto, Ana Paula Casagrande de Oliveira,
Daniela Beneti, Fábيا Yoshida, Flávia Negrão,
Maira Rita Begalli Nunes, Ricardo Filinto*

Índice

Introdução	2
1 Panorama histórico: o paralelo entre a ficção e a realidade	3
2 A sedução e a manipulação midiática	5
3 Clonagem e narcisismo	7
Considerações finais	8
Referências bibliográficas	9

Resumo

Este presente corpo realizará um breve paralelo entre as obras do historiador Eric Hobsbawm “A Era dos Extremos”, e do sociólogo Jean Baudrillard “Da Sedução”, comparando-as com a ficção assinada por

*Trabalho desenvolvido no núcleo de “Comunicação, Recepção e Identidade” da Faculdade Cásper Líbero, sob orientação do Professor Doutor Dimas Künsch, Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, graduado em Filosofia. Professor de graduação para o curso de Jornalismo, integra o Conselho Editorial da revista *Communicare* e é editor da *Líbero*, a revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero. No mestrado, atua na Linha de Pesquisa B (Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento) e leciona a disciplina *Comportamento e Construção da Subjetividade na Sociedade Midiática* (dimas.kunsch@terra.com.br).

Aldous Huxley “Admirável Mundo Novo”, publicada no ano de 1932. O objetivo central deste trabalho é avaliar como as estórias aparentemente distantes e ilustrativas de Huxley, hoje, podem ser contextualizadas com a história e com as próprias práticas e códigos sociais que o mundo pós-moderno adotou. Contudo, propomos uma breve análise, visto que tais temas dependeriam uma longa discussão englobando outros autores e uma pesquisa infinitamente mais complexa para codificar o habitat admirável, em que todos nós seres humanos vivemos.

Palavras-chave: pós-modernidade, história, modernidade líquida, simulacro.

Abstract

The present study intends to make a parallel between Eric Hobsbawm’s “Age of Extremes” and the work of the social theorist Jean Baudrillard “Seduction”, comparing both of them with the famous fiction “Brave New World” from Aldous Huxley, published in 1932. The main goal of this work is to evaluate how the apparently distant and futurist tale of Huxley can be contextualized

with the last events in modern human history and the habits and social codes of the post-modern world. However, it shall be a brief investigation, since such a complex theme would demand a much more comprehensive analysis with many others authors and a deeper research to really understand this brave new world.

Key words: After-Modern Age, history, liquid modernity, simulacro.

Introdução

A obra do inglês Aldous Huxley “Admirável Mundo Novo” foi concebida em 1932. Época que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, um conflito, de certa forma, esperado pela maior parte da sociedade. Vanguardista, o livro denunciou aspectos desumanizadores do progresso científico e material. Fatos que podem ser lidos, não apenas com valores fictícios do século passado, mas principalmente interpretados como elementos extremos da sociedade global atual.

Família, sentimento, espiritualidade, velhice são vistos como conceitos ultrapassados. A reprodução humana em laboratório permite a classificação de uma sociedade dividida em castas. Homens e mulheres padronizados, em grupos uniformes, de acordo com o grau de intelectualidade e funções produtivas.

Nascem massas de indivíduos irrelevantes, controladas pelo sistema para servirem e produzirem bens de consumo – uma estratégia de manutenção da ordem social, complementada pelo condicionamento psicológico. E assim, a mídia é, igualmente, segmentada de acordo com a casta a que se dirige.

A preservação do corpo físico garante uma

aparência eternamente jovem. A liberdade sexual se contrapõe à falta de liberdade, marcada pela proibição da leitura e pela exclusão daqueles que não agem de acordo com as normas do corpo social. A felicidade é estabelecida, como norma vigente para a manutenção da estabilidade social, que é atingida com o uso drogas e pelo e com o consumo desenfreado.

Anos mais tarde da publicação de “Admirável Mundo Novo”, o sociólogo Jean Baudrillard aprofundou a discussão do simulacro na sociedade pós-moderna. Um ambiente caracterizado pelo desaparecimento das ideologias, pelo excesso e a rapidez das informações, pela a confusão entre o real e o imaginário e pela falta de limites.

O seu objeto de estudo se compõe da análise dos grupos sociais contemporâneos enquanto sociedade de consumo, produtora de mitos e estruturas excludentes. Baudrillard trabalha a “sedução” como artifício do mundo. Faz sua crítica a partir da reflexão sobre a tecnologia e suas implicações: um cenário em que o ser humano se afasta cada vez mais do mundo real e natural, e se concentra no mundo das imagens da televisão e dos meios de comunicação de massa.

Baudrillard aborda conceitos como a “hiper-realidade” (repressão absoluta: dando-nos um pouco demais, cortam-nos tudo), de “orgia de realismo e de produção” (pessoas como coisas, existentes para satisfazer o desejo, expostas), a “sedução/produção” (modelo mercantil no qual é preciso que o capital circule - ausência de laços); de “desencantamento com o mundo real” (o lugar de um simulacro de acumulação contra a morte); o “lúdico e a interatividade” (manipulação da mídia); o “encanto narcisístico” (a mídia e a publi-

cidade oferecem múltiplas possibilidades alienam e seduzem); a “massa mecanizada” (dissolução de estruturas e valores, enfraquecimento das ligações pessoais); e a “clonagem e narcisismo” (negação da família e das diferenças – modo operacional, mecanizado, que expurga a sexualidade e tudo a ela vinculado).

1 Panorama histórico: o paralelo entre a ficção e a realidade

Enquanto o livro de Aldous Huxley descreveu um cenário fictício, a obra de Eric Hobsbawm “A Era dos Extremos” delineou os caminhos que teriam conduzido a sociedade contemporânea. Um espaço temporal em que o passado e o futuro foram aglutinados em um breve e instantâneo presente, um período edificado sobre catástrofes, incertezas e crises.

Hobsbawm afirma que durante o século XX, o mundo contemplou anos que geraram as maiores expectativas e esperanças para humanidade, mas rapidamente viu a destruição de todas elas. Um cenário marcado por duas grandes guerras, crises econômicas e revoluções políticas. Lugar comum de conflitos étnicos e separatistas.

Hobsbawm reconstrói também a consolidação da sociedade de consumo nos prósperos “Anos Dourados”, os impactos da Guerra Fria, a revolução social marcada pela inovação tecnológica e cultural, a revolução cultural que transformou, principalmente, as relações familiares e trouxe a liberdade sexual, e a mudança do mapa político do globo, com a descolonização e a formação do chamado Terceiro Mundo. O autor encerra com a era do “Desmoronamento”, o período de 1970-

1991, que é também definido como a “Era da Incerteza”, um mundo que perdeu suas referências e resvalou para a instabilidade e a crise.

O livro reforça a questão da destruição do passado, ou dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – como um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Outra característica impressionante está na tensão entre o processo de globalização cada vez mais acelerado e a incapacidade da sociedade como um todo se acomodar a ele.

Em síntese, um período marcado pela desintegração dos velhos padrões de relacionamento social humano, e pela quebra dos elos entre as gerações, entre passado e presente. Pela erosão das sociedades e religiões tradicionais e também pela destruição, ou autodestruição, das sociedades do “socialismo real”. Uma sociedade, formada por um conjunto de indivíduos egocentros sem outra conexão entre si, em busca apenas da própria satisfação (o lucro e o prazer), algo que está implícito na teoria capitalista.

1.1 A Gênese de Uma Nova Sociedade

Após 1973, descortina-se um mundo sem referências, marcado pela instabilidade e a crise. Neste cenário incerto onde floresce a economia neoliberal, cresce a desigualdade de classes: um mundo onde a riqueza se concentra cada vez mais nas mãos de poucos e cria uma classe de miseráveis urbanos. A pobreza nas cidades vira uma constante, um item sempre presente ao lado, tão comum e tão banal que não mais importa.

A exposição constante ao fenômeno torna

esta sociedade alienada, a ponto de aceitar a desigualdade como normal, um quadro que pode ser comparado à alienação condicionada da sociedade de castas de Aldous Huxley em “Admirável Mundo Novo”.

Na “Era do Desmoronamento”, período compreendido nas últimas décadas do século XX, há uma enorme crença na economia como dogma máximo, uma confiança irrestrita no livre mercado. A fé teológica numa sociedade, numa economia em que os recursos eram alocados inteiramente pelo mercado sem qualquer restrição, em condições de competição ilimitada. Um estado de coisas que se acreditava capaz de produzir não apenas o máximo de bens e serviços, mas também o máximo de felicidade, e o único tipo de sociedade que mereceria o nome de liberdade.

A sociedade do final do século XX gera também um egoísmo anti-social, onde só o prazer e o interesse individual são importantes. O público perde espaço para o privado e as grandes corporações invadem outros setores e passam a dominar todos os aspectos da vida em sociedade. O “mercado global” exerce cada vez mais controle sobre os governos. O dinheiro das transnacionais desconhece barreiras e fronteiras, e tem mais poder que organizações limitadas por seus territórios, como governos, parlamentos e sindicatos.

O Estado perde, assim, também boa parte de sua capacidade de cuidar do “bem-estar social”, e entrega estes cuidados na mão do mercado. A insegurança e desorientação desta sociedade alimentam uma violência cada vez mais evidente. Em um mundo onde as estruturas e certezas se “desmorona”, e a forma de produção e economia tem como objetivo “expulsar a mão-de-obra humana”,

aumentam a raiva e a alienação dos indivíduos.

Este cenário desfragmentado e sem bases causou também a desestruturação da família e dos laços pessoais como eram conhecidos até então. As famílias se tornaram menores, os casamentos se desfazem mais livremente que em outras partes, as populações dos Estados – ou, pelo menos, de suas regiões mais urbanizadas e industrializadas – mal se reproduzem, quando o faziam.

Os países de Terceiro Mundo afundam mais em imensas dívidas, instabilidade política e problemas diversos neste novo ambiente. Este alto endividamento, com juros altos, torna-se improvável de ser pago, mas ajuda a sustentar o sistema econômico global com o pagamento dos juros. Ao mesmo tempo, estes países em desenvolvimento passaram por um grande período sem investimentos estrangeiros, atrasando assim seu progresso e competitividade e comprometendo as estruturas e investimentos sociais.

Soma-se a isso o dilema: no mundo pós Guerra-fria, como absorver os milhões de indivíduos vindos de um regime comunista dentro do cenário da economia capitalista? O quadro aqui traçado é de uns abismos mais profundos entre ricos e pobres, o “egoísmo coletivo da riqueza”, onde os países ricos desejam o livre comércio com os pobres, sem, contudo, arcar com os custos do seu desenvolvimento.

1.2 Os Novos Atores do Mundo

Um quadro curiosamente semelhante ao “mundo civilizado” e seu contraste com os Bolsões de Selvagens do Admirável Mundo Novo: *“uma reserva de selvagens é um lugar em que, em razão de condições climáticas ou*

geológicas, ou da pobreza dos recursos naturais, não se julgou conveniente realizar as despesas para civilizar” (HUXLEY, 1995). Além disso, há a dissolução de normas, texturas e valores sociais tradicionais que deixou tantos dos habitantes do mundo desenvolvido órfãos e sem herança.

A arte e a cultura sofrem grande influência do processo tecnológico, ficando cada vez mais difusas, produzidas e reproduzidas em escala, massificadas e consumidas como produto cultural. Aparelhos como rádio e a TV se tornaram populares, abrindo caminhos para novas tecnologias na vida cotidiana e aumentando a força da mídia na sociedade como forma de informação, entretenimento e muitas vezes, de controle e manipulação.

O fato decisivo da cultura do século XX, o surgimento de uma revolucionária indústria de diversão popular voltada para o mercado de massa, reduziu as formas tradicionais de grande arte a guetos de elite. A cultura comum, de qualquer país urbanizado de fins de século XX, se baseava na indústria de diversão de massa: cinema, rádio, televisão, música popular. Além disso, a segregação era cada vez mais completa, pois só por um acidente ocasional o grosso do público que a indústria de diversão atraía encontrava gêneros de alta cultura que enlouquecia os iniciados.

A arte tornou-se comercializável, e, agora, se coloca a serviço das universidades, da publicidade e dos governos. Assim, no fim do século XX, a arte começa a se misturar e a ser suplantada pela cultura da sociedade de consumo. Neste contexto as marcas tornam-se a imagem e a manifestação mais presente da comunidade e das vidas de seus indivíduos.

O talento abandonou os velhos meios de buscar expressão porque os novos meios

existentes eram mais atraentes, ou recompensadores. Fenômeno que vemos acontecer com muitos escritores no “Admirável Mundo Novo”, que trabalham para a propaganda hipnopédica e o cinema sensível. No mundo de Huxley, a arte foi deixada de lado em favor do controle midiático das massas.

2 A sedução e a manipulação midiática

Os fatos históricos e econômicos que marcaram o século XX construíram uma sociedade baseada na imagem e na sedução desta imagem, na crença teológica de uma economia que produza, mais que bens de consumo, um estado de felicidade absoluta. Assim como no Admirável Mundo Novo, a sociedade moderna está controlada pela sedução midiática, condicionada para o consumir e para aderir cada vez mais a um simulacro de realidade, da felicidade eterna e perfeita, tão sedutor quanto vazio de significado.

Para Baudrillard, a “*sedução é o artifício do mundo*”. É através dela que é possível exercer poder e movimentar esta sociedade, uma vez que a sedução é o domínio total do universo simbólico. Mas a sedução não deve ser entendida aqui como desejo, uma vez que ela vai além do desejo: a sedução alimenta o desejo. Afinal, o desejo só se sustenta na falta. O que seduz é o que não temos, ou não podemos ter. É a imagem, o simulacro. A mídia cria uma sedutora hiper-realidade (a exposição demasiada de detalhes da realidade), fazendo assim com que a representação seja mais real do que a própria realidade.

Huxley trata do fenômeno ao falar do cinema-sensível: uma forma diferenciada da sétima arte, onde o espectador experimenta,

através de sensores na pele, todas as sensações mostradas na tela. Pouco importa a história contada: mais importante é sentir-se parte daquela hiper-realidade, experimentar o toque, o sabor, a dor de outro através da imagem.

A crítica, o pensamento, a imaginação ficam em segundo plano na sedução exercida pela soma da imagem e sensação. Sobre esta hiper-realidade e sua capacidade de seduzir o espectador, Baudrillard afirma:

“A irrealidade moderna já não é da ordem do imaginário, é da ordem da mais-referência, da mais-verdade, da mais-exatidão, consiste em tudo fazer passar para a evidência absoluta do real. Como nas pinturas hiper-realistas em que se pode discernir a textura da pele de um rosto, microscopia não-habitual e que nem mesmo tem o fascínio de uma inquietante estranheza. Repressão absoluta: dando-nos um pouco demais, cortam-nos tudo” (BAUDRILLARD, 1991).

O que “Admirável Mundo Novo” nos mostra e que podemos ver em nossa sociedade é o que Baudrillard chama de orgia de realismo e de produção, uma estrutura que coisifica o ser humano, transforma o corpo em objeto e infra-estrutura do desejo. Perde-se o indivíduo como ser único, e surge uma estrutura de produção dentro das relações humanas – as pessoas passam a ser coisas, expostas e existentes para satisfazer o desejo, e tão descartáveis quanto qualquer produto de consumo.

As relações descartáveis, a operacionalização e instrumentalização das relações refletem a lógica produtiva do século XX. Assim como na economia neoliberalista, as re-

lações pessoais têm uma obrigação de liquidez. Na modernidade líquida, tudo deve fluir e se propagar. Essa ausência de pontos fixos, tão marcante no modelo mercantil, marca hoje as relações interpessoais. O esvaziamento dos laços pessoas, não de todo ausentes, mas fracos, fúteis e sem significados, são essenciais para o alienamento e desconstrução do espírito crítico dos membros dessa sociedade:

“Agora o mundo é estável. O povo é feliz; todos têm o que desejam e nunca querem o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca ficam doentes; não têm medo da morte; vivem na perene ignorância da paixão e da velhice; não se afligem com pais e mães, não têm esposas, filhos, nem amantes a que se apeguem com emoções violentas. E se alguma coisa não estiver bem, há o soma” (HUXLEY, 1932).

Seduzidos por essa aparente liberalidade, nada compartilham entre si, não vivem o real, mas uma eterna aparência de liberdade, através da promiscuidade e do desapego. A sociedade que Huxley já previa é analisada por Baudrillard como a sociedade da sedução fria: uma sociedade onde a perversidade está presente nas relações humanas e se manifesta como consumo, onde o sedutor exerce seu poder, mas nunca se deixa seduzir.

A mídia e a publicidade se dão credibilidade, e estão seletivamente disponíveis, ou seja, sempre presentes, inclusive no lazer. A televisão americana é a encarnação do lúdico: a interação constante, a mudança de canal encarna uma brincadeira, um jogo.

Na sociedade ideal de Huxley, é fácil perceber esta lógica do divertimento e entretenimento para a manutenção da ordem, acompanhada da constante necessidade da felicidade e satisfação total dos desejos, em um nível infantil.

O lúdico não é necessariamente divertimento, ele é o modo de funcionamento das redes, seu modo de investimento e manipulação. O lúdico está em tudo, inclusive na escolha de uma marca. O lúdico seduz pelo distanciamento do fato real e a criação de uma outra realidade. Quanto mais efeitos, cores, técnicas de câmera ou outras tecnologias, mais essa simulação da realidade seduz e manipula, se tornando maior e mais verdadeiro que a realidade.

Assim, os fatos históricos perdem importância, e são exorcizados pela repetição e exaustiva reprodução midiática, a saturação de informação. A massa passa a prestar menos atenção ao fato, que parece então se repetir sempre, perdendo o significado. Vivemos então um presente infinito e não-reflexivo.

“A TV vai saldar a hipoteca de Auschwitz”, afirma Baudrillard. Pois ao vermos o fato retratado na mídia, sentimos que já cumprimos nosso dever com ele e seguimos adiante. A mídia cuida de tudo, e por isso demandamos pouco esforço para cada acontecimento. Ou seja, um processo de aniquilamento das memórias e da história, que torna acontecimentos como o Holocausto frio, distante e caricato, como previsto na utopia de Huxley.

No Admirável Mundo, o sofrimento do Selvagem é visto a distância, e nada significa para aquela sociedade, que não vê importância na morte, não conhece a dor ou a culpa. Afinal, a morte é banalizada desde a

infância, e o sofrimento, inexistente ou sem significado. Dominadas e condicionadas por mensagens durante o sono, as pessoas na sociedade de Huxley não pensam, só repetem os ditados hipnopédicos, as mensagens de propaganda do regime social onde estão inseridas.

Assim, também, Baudrillard vê na sociedade atual a alienação das massas através do encanto narcíseo dos sistemas eletrônicos e informáticos, uma sedução que manipula a massa através de múltiplas possibilidades de informação e entretenimento:

“E o contrato social tornou-se um pacto de simulação, selado pela mídia e pela informação” (BAUDRILLARD, 1991).

A massa se mecaniza, distancia, se isola, reproduzindo o sistema eletrônico. Neste mundo, cada um está cada vez mais absorto em si mesmo, e no ambiente virtual criado pela mídia e pela tecnologia. Este mundo, assim como o Admirável Mundo Novo, é o mundo da dissolução de estruturas e valores e do enfraquecimento das ligações pessoais.

3 Clonagem e narcisismo

Um dos itens fundamentais para a manutenção da ordem e da produção em “Admirável Mundo Novo” é a divisão da sociedade em castas, onde as classes mais baixas são compostas por clones, condicionados ao trabalho braçal e de menor inteligência.

O Processo Bokanovsky é um dos principais instrumentos da estabilidade social, em que homens e mulheres padronizados, em grupos uniformes. Um dos exemplos mais claros do livro faz alusão aos integrantes de uma pequena usina que são concebidos como produtos de um único ovo. No

processo Bokanovsky, ovos eram preparados para “geminar” seres humanos. Um ovo teria a propriedade de dividir-se de oito a noventa vezes. E cada uma destas partes se tornaria um embrião, que seria mantido artificialmente até se tornar um adulto completo. Cada embrião teria acompanhamento completo, seria condicionado como agir, como pensar, como reagir, do que gostar. Tal fato pode ser visto como a situação das massas em geral, que concebidas a partir de um pensamento único e centralizador são, apenas, direcionadas aos interesses dos poderosos.

Baudrillard chama a clonagem de “forma limite de auto-sedução”, onde estamos seduzidos por nós mesmos, sem passar pelo outro. Para ele, o clone é uma paródia do mito de Narciso, “a própria figura da morte”, pois é a negação da família, da dualidade do ato de gerar, da criação de algo novo pelas diferenças. A clonagem é o modo operacional, mecanizado, que expurga a sexualidade e tudo a ela vinculado e destrói o indivíduo como o conhecemos. De pessoas passamos a coisas produzidas em escala:

“...) Sendo qualquer corpo possível nada mais que sua imutável repetição, então é o fim do corpo e de sua história, o indivíduo não é mais que uma metástase cancerosa de sua fórmula de base” (BAUDRILLARD, 1991).

Existe um paralelo com a comunicação de massa, a forma extrema deste processo, “onde o original nunca teve lugar e as coisas são criadas em função de sua reprodução ilimitada”. A massa é vista como um mar de seres idênticos, e, portanto passíveis de manipulação midiática absoluta.

A população, assim como os gamas e deltas, do Mundo de Huxley, é dogmatizada e

influenciada para ser seduzida desde sempre. No vazio do real cada vez mais sem conteúdo e significado, a única coisa concreta e real é essa sedução, para a qual as massas ficam propensas, em busca de algo que preencha este vazio.

Considerações finais

Tanto na ficção, como nas referências bibliográficas utilizadas, o consumismo, a promessa de felicidade e o apego ao novo marcam a sociedade que surge no fim do século XX, e no começo do século XIX. A marca preenche o vazio existencial, satisfazendo necessidades tanto físicas quanto espirituais dos consumidores.

As palavras que dominavam as sociedades de consumo ocidentais, e agora passam a invadir as orientais. Tais palavras não são mais as presentes nos livros sagrados, ou redigidas por escritores seculares, mas de marcas comerciais, de produtos, ou do que se pode comprar. Essas mesmas marcas são estampadas em tudo, de carros a camisetas, para que seu usuário adquiria o estilo de vida, geralmente juvenil, que simbolizam e prometem.

“As imagens de tais sociedades são as das diversões e do consumo de massa: astros e latas” (HOBSBAWM, 1995). No campo da ciência e da tecnologia, os avanços cada vez mais pertencem a uma elite, afastada do povo. Graças à espantosa explosão das teorias e práticas da informação, novos avanços científicos foram traduzidos em espaços de tempo cada vez menores, em tecnologias que não exigem qualquer compreensão dos usuários finais.

O conhecimento e o ser humano tornaram-se irrelevantes. Quem utiliza as invenções e

o progresso se torna alienado e passa desconhecer os princípios e os processos que regem o mesmo. Assim como Linda, a mãe do Selvagem em Admirável Mundo Novo, desconhecia o processo total de obtenção dos elementos químicos com os quais um dia trabalhara.

Como na sociedade imaginada por Huxley, no mundo real atual a ciência funciona como um anteparo da autoridade, por vezes de maneira catastrófica: o fantasma de armas de guerra, com seu maior símbolo na Bomba Atômica. Existem também os dilemas morais, como a clonagem e as possibilidades de utilização das células-tronco.

Os regimes totalitários da primeira metade do século utilizaram a ciência e a tecnologia a seu favor, incentivando pesquisas para impor uma “doutrina verdadeira” do estado. Porém, a mesma ciência poderá ser rejeitada e suprimida quando se apresenta como desafio às visões de mundo destes mesmos regimes. Já que neles, a ciência serve como tentativa de dogmatizar, impor padrões e justificar atos a favor de uma seleção humana.

A biologia e a genética começaram a ter mais destaque e a ciência se politizou, justificando o conceito de raças, concebendo um determinismo genético, semelhante à divisão em castas da população de Huxley. Também são presentes a fecundação artificial, o tratamento dado aos embriões, e o condicionamento específico para cada classe de indivíduos.

No final do século XX e no começo do XXI, a engenharia genética se destaca no mundo todo, suscitando diversas questões éticas. As descobertas e possibilidades abertas por ela geram medo no mundo real, visualizando a possibilidade do surgimento de seres semelhantes aos vistos no método Bo-

kanovsky. A barreira entre a moralidade e a busca pela verdade científica torna-se quase invisível, já que a biotecnologia se torna um grande negócio.

Contudo, não apenas as pesquisas genéticas, mas todas as pesquisas científicas encontram-se limitadas aos interesses da sociedade pós-moderna e suas ramificações: governo e economia. Fato que limita campos de pesquisa e avanços em determinadas áreas, mas ainda assim produz progresso relativo e satisfatório aos núcleos que controlam tais interesses.

No mundo relatado segundo a visão histórica de Eric Hobsbawm, e no atual momento em que estamos, ainda não há uma estrutura ou sistema internacional geral e totalmente unificado. Vivemos imersos em um cenário internacional de desordem e conflitos isolados (das metrópoles cosmopolitas), um habitat com diferenças econômicas e sociais gritantes, muito distante da sociedade estagnada, mas completamente pacífica e desenvolvida vista em “Admirável Mundo Novo”.

O que a ficção profética de 1932, trouxe à realidade na sociedade pós-moderna foram os abismos entre ricos e pobres, cada vez mais reais e aceitos, já em um estágio de quase normalidade, o comodismo do nosso mundo admirável.

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. *Da Sedução*. Editora Papyrus. São Paulo, 1991.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O Breve Século XX*. Companhia das Letras. São Paulo, 1995.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*.
Editora Globo. Rio de Janeiro, 1932.